



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE - ICA
ESCOLA DE TEATRO E DANÇA DA UFPA
CURSO DE LICENCIATURA EM TEATRO**

DALILA ANDRÉIA CARDOSO COSTA

**NARRATIVAS SUBVERSIVAS NO TEATRO DE IGREJA: DOS PALCOS DO SANT'ARTE
AO PROTAGONISMO DA MINHA HISTÓRIA**

BELÉM

2023



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE - ICA
ESCOLA DE TEATRO E DANÇA DA UFPA
CURSO DE LICENCIATURA EM TEATRO**

DALILA ANDRÉIA CARDOSO COSTA

**NARRATIVAS SUBVERSIVAS NO TEATRO DE IGREJA: DOS PALCOS DO SANT'ARTE
AO PROTAGONISMO DA MINHA HISTÓRIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Licenciatura em Teatro da Universidade
Federal do Pará como requisito para obtenção do
título de Licenciado em Teatro.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Ivone Maria Xavier de Amorim
Almeida

BELÉM

2023

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Biblioteca Universitária da ETDUFPA-Belém-PA**

C837n Costa, Dalila Andréia Cardoso

Narrativas subversivas no teatro de igreja: dos palcos do Sant'Arte ao protagonismo da minha história / Dalila Andréia Cardoso Costa. 2023.

40 f.

Orientadora: Prof^a Dr^a Ivone Maria Xavier de Amorim Almeida.

Monografia (Graduação) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Arte, Escola de Teatro e Dança, Curso de Licenciatura em Teatro, Belém, 2023.

1. Teatro Cristão. 2. Grupo Sant'Arte. 3. Memória autobiográfica. 4. Título.

CDD - 23. ed. 792

Elaborado por Rosemarie de Almeida Costa – CRB-2/726



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
ESCOLA DE TEATRO E DANÇA
CURSO DE LICENCIATURA EM TEATRO



ATA DE AFERIÇÃO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos 17 dias do mês de novembro do ano de dois mil e vinte e três, às catorze horas, reuniu-se na sala 06 da Escola de Teatro e Dança da UFPA, a Banca Examinadora composta pelas docentes: Prof.^a Ivone Maria Xavier de Amorim Almeida (Orientadora e Presidente de Banca), Prof.^a Adriana Maria Cruz dos Santos (Avaliadora) e Prof.^a Alana Clemente Lima (Avaliadora) para a avaliação do Trabalho de Conclusão de Curso de autoria da aluna **DALILA ANDRÉIA CARDOSO COSTA**, matrícula nº 201811240027, intitulado: "UMA PEDAGOGIA DA AUTONOMIA NO TEATRO DE IGREJA: DOS PALCOS DO SANT'ARTE AO PROTAGONISMO DA MINHA HISTÓRIA".

Após a apreciação do trabalho escrito e da apresentação pública oral e expositiva, a banca promulga o seguinte resultado:

O trabalho foi Aprovado com conceito Excelente, feitas as seguintes observações:

_____ e, após constar, foi lavrada a presente ata que, depois de lida e aprovada, será assinada pela presidente e pelos demais membros da banca examinadora.

Belém, 17 de novembro de 2023.

Prof.^a Ivone Maria Xavier de Amorim Almeida
(Orientadora e Presidente de Banca)

Prof.^a Adriana Maria Cruz dos Santos
(Avaliadora)

Prof.^a Alana Clemente Lima
(Avaliadora)

Digitalizado com CamScanner

**COSTA, Dalila Andréia Cardoso. NARRATIVAS SUBVERSIVAS NO TEATRO DE IGREJA:
DOS PALCOS DO SANT'ARTE AO PROTAGONISMO DA MINHA HISTÓRIA.**

RESUMO

Através desse memorial acadêmico, reúno alguns relatos e registros da minha trajetória de vida atrelados ao meu encontro com o Grupo Sant'Arte, primeiro espaço em que pude experimentar a arte de forma autônoma e coletiva. Através desses recortes de narrativas pretendo enfatizar de que forma o grupo se organizava entre si para acolher jovens, adolescentes e adultos, de suas mais diversas origens, crenças e modos para dar vida a um espaço de pesquisa e fazer da cena teatral, e como as nossas experiências refletiam nas dramaturgias e construções cênicas dentro de uma igreja católica de Ananindeua dando início a um teatro litúrgico- subversivo. De que forma essa construção se deu juntamente ao processo de fortalecimento identitário dos integrantes em sua maioria com vivências marginalizadas (pessoas pretas, lgbtqi+ da região metropolitana e periférica) enquanto sujeitos na sociedade. Faço também um recorte de outras produções artísticas e experiências que estão em torno desse longo processo de auto conhecimento ao expandir para outros espaços como a Escola de Teatro e dança da UFPA como a minha participação em espetáculos do GTU (Grupo de Teatro universitário) enquanto projeto de extensão e o meu ingresso no curso de licenciatura em teatro. Esse trabalho é também uma forma de comunicação para os que, assim como eu, buscam compreender o lugar de onde vieram ,o lugar em que estão inseridos atualmente e de que forma a produção artística na comunidade pode potencializar uma pedagogia decolonial ao buscar referências em nossas próprias histórias.

Palavras-chave: Teatro de Igreja; grupo Sant'Arte; pedagogia da troca; conhecimento de si.

SUMMARY

Through this academic memorial, I gather some reports and records of my life trajectory linked to my encounter with the Sant'Arte Group, the first space in which I was able to experience art autonomously and collectively. Through these excerpts of narratives I intend to emphasize how the group organized itself among itself to welcome young people, adolescents and adults, from their most diverse origins, beliefs and ways to give life to a space for research and making the theatrical scene, and how our experiences reflected in the dramaturgies and scenic constructions within a Catholic church in Ananindeua, initiating a liturgical-subversive theater. How did this construction take place together with the process of strengthening the identity of the members, most of whom have marginalized experiences (black people, LGBTQIA+ people from the metropolitan and peripheral regions) as subjects in society. I also make a selection of other artistic productions and experiences that are around this long process of self-knowledge by expanding to other spaces such as the School of Theater and Dance of UFPA, such as my participation in shows of the GTU (University Theater Group) as an extension project and my entry into the degree course in theater. This work is also a form of communication for those who, like me, seek to understand the place where they came from, the place in which they are currently inserted and how artistic production in the community can enhance a decolonial pedagogy by seeking references in our own histories.

Keywords: Church Theater; Sant'Arte group; Pedagogy of Exchange; self-knowledge.

1. ENTRE, PODE ENTRAR

Fico tempos,
passam horas
ajeito a linha

E penso agora :

De onde parto?

Em que parte é minha história?

Forçar a memória é difícil olha

Parece caco de telha quebrado que as vezes corta

Dói

sangra

faz cicatriz

Deixa marca

Em que momento a vida se encontra o caminho se cruza e nasce um alguém

Que anda

caminha no mundo

e sem perceber ja não é só mais um

Eu lembro de coisas que eu nunca vivi

Lembrei de Dalila que veio de Bragança

Deixou terra, o Caeté , deixou criança...

19 anos

Trazendo sonho, cabocla índia , trouxe esperança

Sentou na baixa da 14 , levantou barraco

Em cima de palafita fez trabalho

Criou todos os outros que nasceram no chão daqui

Criou meu pai, meus tios, e os filhos que nem pariu

Fernando já era meu pai muito antes de eu vir a esse mundo

Andando pelas matas, fazendo rumo
Na função de demarcar a terra de quem sempre foi dona dela
Criando laços ,fazendo arte, batucando e entoando a sorte
Em outra palafita também tenho memória
Mas essa, é encruza das águas do Mojú
Braço de igarapé que corta e deságua em outras histórias
Na beira do Guajaraúna, em cima do assoalho
Seu André e Dona Zezé tiveram 9
O primeiro era homem, a segunda era minha mãe
Que cuidou de todas as 7 mulheres que vieram depois
Andréia também era a Nêga
apelido dengoso
Negra igual o seu cabelo,nêga como as águas de onde nasceu
Água Escura
Terra preta
Por onde passava e fazia alimento
Fazendo força e coragem onde não era tempo
Onde a ausência de oportunidades fazia presença
Parecia sentença...
E na luta pelo direito à terra
Pela garantia de uma melhoria
De toda comunidade e também daquela família
O quilombo do Guajaraúna foi demarcado na memória
Pelas mãos do meu pai
Pelos pés da minha mãe
Dali eu nasci
E daqui nascem outras histórias

Desde de que adentrei o fazer teatral em grupos — através do projeto Sant'Arte em 2014, na época coordenado por Leonardo Bahia e Jairo dos Anjos— estive engajado em causas que potencializasse a democratização da arte para a comunidade em geral, utilizando de diversas vertentes da arte para falar das nossas vivências, criando também espaços para a produção de oficinas, mostras e festivais em que pudemos trocar com a comunidade e nos fortalecer enquanto artistas criadores. Falo dessa vivência com o grupo Sant'Arte pois foi um espaço fundamental de aprendizado em que pude experienciar tanto o lugar da cena, como atuante e encenador, quanto o lugar de educador ao criar e exercitar práticas pedagógicas estabelecidas pelo grupo para poder abraçar a comunidade de forma sensível e acolhedora. Essas construções através do grupo se fizeram relevantes não só pra mim mas também para outros jovens negros, lgbt's do município de Ananindeua ao acessarmos instrumentos que contribuíram para um amadurecimento artístico no fazer da cena e também em nossos processos individuais ao racionalizar o contexto em que nossos corpos estavam inseridos, se é que existe essa distinção entre artista e sujeito.

Início o término desse ciclo me questionando algo que eu acho que em certo momento todos nós, artistas, nos perguntamos: Qual o sentido da arte na minha vida? O que o teatro representa para mim hoje? Traço uma linha imaginária pensando em tudo o que vivi até aqui “dentro e fora” do teatro e tento imaginar onde ele estava mesmo quando não achava que estava. Apesar de tudo, me considero uma pessoa de sorte, sempre ouvi isso da minha mãe “tu és sortuda”. Acredito que a sorte não é um acaso ou até mesmo uma benção divina, vejo como uma coalizão de elementos, acontecimentos e escolhas. A minha sorte são os que vieram antes de mim e amaciaram o caminho, roçaram mata a fora para que a minha jornada fosse menos árdua. A minha sorte foi forjada.

Talvez uma das coisas mais difíceis em um trabalho como esse seja falar sobre si, romper as barreiras e travas que o silêncio constrói ao longo do tempo, considerando os diversos instrumentos de manutenção do racismo e da normatização perpetuada para silenciar corpos como o meu, mas nesse momento percebo o quanto os acontecimentos que se somaram na minha trajetória, e na trajetória de outros integrantes do Grupo Sant'Arte são fundamentais para

essa escrita e principalmente, o fazer artístico a partir disso. A cada palavra escrita e ação realizada, vejo muros desmoronando revelando corpos a mim semelhantes. Ao enxergar-los, vejo a mim mesmo, me reconheço e tudo isso faz sentido. Esses muros são construídos ao longo do tempo através de microviolências que anulam nossas individualidades, regulam nossos afetos e nos fazem desconhecer a potência existente nas nossas histórias e no trocar com outro.

As estratégias que encontrei para fazer com que meu corpo e mente não se sujeitassem às gaiolas propostas pelo sistema ¹, pela estrutura ou pelas complexidades nas minhas relações, sempre me levaram a criar uma realidade paralela, a imaginar uma brecha no espaço-tempo em que eu poderia entrar e sair a qualquer hora não somente como um lugar de fuga mas principalmente como um lugar de chegada, onde eu chego e encontro a mim mesmo, no meu lugar inventado, sendo exatamente como sou, delirando e alucinando episódios da minha jornada particular. E quando eu retornava para essa outra realidade, a realidade em que eu tentava tanto fugir, eu voltava com uma cólera, uma agonia sem tamanho e essa agonia só passava quando eu tentava tornar real todos os delírios que eu vivia na minha imaginação de criança. Eu me imaginava sendo outras pessoas, vivendo outras vidas, me imaginava num palco, atuando, dançando e fazendo música, sendo a estrela, a protagonista.

Às vezes, já sendo castrada pelas angústias e repressões que adultos depositavam em mim, me via envergonhada em pensar tantas besteiras, quase acreditando que tudo isso eram absurdos. Mas parece que num estalar de dedos tudo isso se tornou real. Eu fechei os olhos para imaginar mais uma vez e durante isso houve muita coragem, abdições, persistências, foco e muita gente botando fé em mim. E quando abri os olhos, retornando pra essa realidade daqui eu vi que os dois mundos em que eu vivia agora são um só, eu realmente posso viver várias vidas, contar histórias, fazer shows, filmes e festivais. É tudo de verdade. Nesse momento parei de ter medo ou vergonha de sonhar, pois a imaginação sempre foi o combustível da minha vida pois essa vida sempre foi arte e tudo o que eu sonho eu faço ser real ou então os meus sonhos se tornam realidade antes mesmo de eu ousar colocar na imaginação.

¹ Trocadilho utilizado pela comunidade TransLGB ao mesclar as palavras “cisgênero” e “sistema” dando ênfase no teor normativo e aprisionador que seus significados representam na sociedade contemporânea dentro dessas comunidades.

Nesse momento da minha vida, me vejo em vários “entres”, transicionando e transitando, pelos espaços e pelo meu corpo. Venho tentando aceitar que isso não precisa ser um problema. O não lugar é também um lugar que se existe, se faz corpo, arte e vida. Eu sempre vivi no entre e hoje escolho assumir esse lugar de trânsito. O movimento de estar entre Ananindeua e o Guajaraúna, entre a cidade que eu nasci e moro até hoje e o quilombo que cresci, que é onde está minha família e minhas raízes. Não quero mais não me sentir pertencente ou ter que escolher apenas um lugar para representar minha origem. A minha existência é carimbada por coisas que só esses lugares poderiam me dar, se eu tivesse que escolher eu teria que esquecer metade do que eu sou. Sim eu sou dos dois, sou do entre, faço minha morada ali na ponte do Moju, na beira do Arapari, que é o que me liga aos meus territórios, o que me leva e o que me traz.

Ainda transito e hesito quando me olho no espelho, ao tentar definir o que sou ou deixar de lado as caixinhas que me disseram que eu deveria entrar. Ao longo do caminho, reinvento a minha própria existência, na busca pertinente em tentar encontrar palavras nessa língua colonial imposta pelos brancos que aqui utilizo escrevendo esse texto. Essas palavras não me cabem. Eu não caibo nessas linhas, eu respiro nas entrelinhas. No que ainda não tem nome, ou na palavra oculta que a mim ainda não foi revelada. Me vejo fora de termos binários de raça e gênero e cito a minha própria vivência enquanto corpo em transição de gênero e pertencente a uma comunidade plural para justificar e firmar a utilização de termos que compõem a linguagem neutra ², pois esse trabalho está em torno da construção artística e social de pessoas que se reconhecem enquanto negros, indígenas, LGBTQIA+ e moradores de comunidades periféricas, sendo que esses grupos étnicos e sociais vem resistindo durante décadas, criando e reinventando suas várias formas de expressão e comunicação.

² A Linguagem Neutra é uma forma de inclusão criada pela comunidade LGBTQIA+ como forma de abraçar outras identidades e expressões de gênero e sexualidade que estão fora dos padrões cis masculinos e cis femininos impostos pela sociedade.

Em um dos episódios do podcast *Rios de Encantarias* produzido pela Negritar Filmes, a DragThemonia e trans não-binária³ Shayra Brotero⁴ discorre sobre os tipos de variações linguísticas a qual cita o tipo de variação denominada diastrática. Este tipo de variação está diretamente ligado aos lugares sociais e nesses lugares surge a necessidade de uma comunicação própria enquanto expressão de uma identidade e nesse caso enquanto também estratégias de sobrevivência ao evidenciarmos os diversos tipos de ataques e negligências que essas comunidades sofrem ao serem negadas seus direitos de existir e de ser vista da forma que realmente são.

Shayra também se refere a linguagem neutra como uma *linguagem de guerrilha TransLGB*⁵, em que dentro das variações da linguagem de guerrilha também cita o *pajubá* ou *bajubá* como um dos mais antigos e conhecidos meios de comunicação da comunidade no Brasil. O pajubá é linguagem composta por um conjunto gírias oriundas de expressões linguísticas afro-diaspóricas vindas do iorubá ou da língua banto ou quando trazidas para nossa região se funde a expressões de idiomas de povos tradicionais.

A forma como utilizo essas expressões enquanto relato essa pesquisa é algo que está intrínseco à existência desse trabalho pois a forma como eu me expesso e me comunico é algo que faz parte da minha existência e de corpos pretos e trans, que assim como eu, estão atravessando o meio acadêmico. Através dessa escrita vejo a importância de validar não só a relevância da nossa trajetória enquanto grupo de teatro, mas também uma forma democratizar esse trabalho para que seja atraente e também honesto às pessoas que fazem parte dessa história e às que irão se apropriar desse trabalho como uma forma de embasar e referenciar seus trabalhos na universidade.

³ É um termo guarda-chuva que abarca várias outras identidades que estão fora do padrão binário de gênero.

⁴ DragThemônia, bailarina, coreógrafa, Atriz, Dj, Produtora Cultural e Apresentadora. Formada em Letras-Língua Portuguesa pelo Instituto Federal do Pará (IFPA), é pesquisadora de linguagens de guerrilha.

⁵ Uma variação da sigla LGBT, em que reforça as identidades trans como pioneiras na criação de movimentos que reivindicam os nossos direitos e na criação de diversos mecanismos de sobrevivência da comunidade.

2. A IGREJA DO TEATRO

A Paróquia Santa Rita de Cássia está localizada na Cidade Nova 5 em Ananindeua e agrega outras 3 comunidades que fazem parte das dependências da paróquia. Foi fundada em 04 de agosto de 1990, e é uma das 17 paróquias que fazem parte da região de São Vicente de Paula. Recentemente recebeu o título de santuário, agregando ainda mais notoriedade aos grupos e movimentos, sendo a primeira do município de Ananindeua a receber o título.

Como qualquer criança nascida em berço católico, passei pelos ritos e sacramentos que fazem parte da vida cristã. Fui batizada nessa mesma paróquia, em missa celebrada pelo Padre Zezinho, muito conhecido e querido pela comunidade. Meus padrinhos foram escolhidos a dedo e cuidadosamente ou na verdade por um mal entendido por conta da embriaguez do meu pai ao convidar seu amigo de bar pra assumir esse posto tão importante. Por morar próximo a igreja, boa parte dos meus vizinhos que eram católicos frequentavam essa mesma paróquia e junto das crianças da minha geração, cresci acompanhando as missas aos domingos, as novenas e peregrinações pelo bairro, as procissões e cortejos, e os festejos de santo (que era a parte que mais gostava) seja da paróquia ou das comunidades ao entorno.

No processo de preparação para o segundo sacramento (a eucaristia) passei a estar mais tempo na igreja: todos os sábados estava lá, acompanhando a catequese, aprendendo alguns fundamentos da igreja católica através de uma linguagem lúdica que de certa forma me fazia querer estar lá ou pelo menos não me fazia querer fugir. Nesse tempo foi quando comecei a me sentir mais envolvida com a igreja por me ver fazendo parte de um grupo, com pessoas da minha idade, fazer amizades e trocar experiências naquele lugar, mesmo que ainda não compreendesse o significado do motivo principal de estarmos ali toda a semana que era cumprir com as formações para enfim comungar pela primeira vez

Quando lembro da minha 1ª eucaristia, lembro com muita ternura, por ter escolhido minha tia Alcione como minha madrinha, por ser alguém que representa muito pra mim sendo uma das minhas mães, e por mesmo naquela fase, construir laços de amizades que foram muito importantes, principalmente pra que eu avançasse a próxima fase dessa caminhada enquanto jovem cristã.



Imagem 1

Foto da cerimônia da minha 1ª eucaristia em dezembro de 2011, ao lado dos meus pais Fernando e Andréia. Imagens feitas pelo nosso vizinho que ficaram perdidas durante muito tempo. Me emocionei quando recuperei esses registros por ter sido um dos momentos importantes da vida que minha mãe esteve presente.

Paralelo a todo esse processo, eu crescia com a ausência física do meu pai por conta das viagens de trabalho pelos interiores do estado e por consequência ser criado principalmente pela minha mãe. Ainda é muito doloroso tentar descrever a forma como eu cresci ou a forma como via e hoje vejo a minha mãe por ela carregar consigo diversos anseios e frustrações. Por ter saído do interior muito nova e viver em uma cidade grande longe da família, criar uma criança praticamente sozinha em um lugar desconhecido sendo uma mulher preta, semi analfabeta lidando com os preconceitos, os assédios, os racismos e os outros traumas que ela já trouxe consigo do lugar de onde veio, como forma um tanto violenta pela qual também foi criada. Mas é claro que só hoje, com a maturidade e os acessos que eu tive, consigo ter a sensibilidade em perceber todas essas violências às quais ela esteve exposta e mesmo com muita dificuldade compreender os motivos pelos quais ela reproduzia muitas violências em mim, perceber como isso comprometeu o meu desenvolvimento e como isso me afeta até hoje.

Na igreja eu encontrei um refúgio, uma alternativa, um lugar para não estar em casa. Uma forma de lidar com as crises da minha mãe ou com o fato de ainda não saber lidar com isso. Em 18 de

outubro de 2015 minha mãe faleceu precocemente aos 36 anos. Na medida que se formou em mim um vácuo muito grande, eu criei estratégias para não sucumbir ao determinismo dos acontecimentos na minha vida. Me recusei a ceder ao finitismo da morte ou a marginalização do meu corpo por me tornar um adolescente sem uma mãe pra criar. Quando eu olhei ao meu redor, vi muitas coisas que me faziam e me fazem acreditar que vale a pena seguir.

Em uma dessas idas à igreja, vi um grupo de pessoas no estacionamento meio que se organizando para algo ou pareciam estar tramando alguma coisa. Era mês de junho que para mim, um dos meses mais lindos e mágicos do ano, e, sem hesitar, me coloquei como parte da quadrilha “Juventude de Rita” pra se apresentar na festa junina da igreja e onde mais nos chamassem. Era mais uma oportunidade em que eu me via fazendo parte de algo enquanto coletivo, uma dança, brincadeira de rua, corpos sedentos por extravasar, parecidos comigo. Me identifiquei com tudo e veja só, a menina que era sempre obrigada a ser menina, naquela dança podia usar calça, camisa e chapéu, eu podia ser menino.

Eu sempre tive muita energia e empolgação em poder fazer coisas que realmente gosto, e aquele semblante contagiante em poder dançar e brincar na rua acabou transbordando a outros olhares. Devido a essa energia recebi de um dos integrantes da quadrilha, um convite para fazer parte do grupo de teatro que também ensaiava ali na igreja, dizendo ele , eu era a cara do grupo. Essa pessoa era Leonardo Bahia ⁶, que veio a ser uma das figuras mais importantes, se não o grande responsável por me encaminhar nessa jornada teatral. Se tornou meu mestre, amigo, meu padrinho e a quem sempre dedico os frutos que colho por ser o artista que estou me tornando. Nesse acaso das escolhas, nas idas dos caminhos, esse foi um dos grandes encontros que me levou a muitos outros.

⁶ Ator, diretor, bailarino e figurinista. Formado em pedagogia pela Universidade do Estado do Pará. Formado nos cursos técnicos de teatro, dança e figurina pela Escola de Teatro e Dança da Ufpa. Ex coordenador do Grupo Sant’Arte e diretor do Corpo de Teatro LAB.

3. O TEATRO DE IGREJA

Léo é nascido e criado na Cidade Nova e por ser de família católica, fez parte de diversos grupos da igreja como a liturgia, grupos de oração, grupos de jovens e também foi catequista. Ele compartilha comigo um pouco da sua história enquanto jovem da paróquia atrelado ao surgimento de movimentos teatrais na igreja até a consolidação do grupo Sant'Arte, em que veio a se tornar diretor. Segundo ele, o primeiro grupo de teatro da paróquia com o nome de *Grutesarte* surge em 1998, a partir da união de outros dos grupos de jovens que tinham objetivo de apenas encenar uma Paixão de Cristo para ser apresentada na sexta feira da paixão.

Apesar do processo um tanto conturbado devido ao grande número de integrantes para se administrar em um processo teatral, Léo é despertado para essa arte que lhe acompanhará para toda vida e após essa experiência com o grupo, sente a necessidade de expandir para outros espaços para além da igreja. Entre idas e vindas dos integrantes, o Grupo Grutesarte vai se desfazendo e aos poucos um novo grupo, de nome Sant'Arte foi se consolidando e os caminhos que Léo ia descobrindo através da arte, faz emergir uma necessidade dos próprios integrantes de que ele assumisse o grupo da igreja, para que desse uma cara nova às futuras produções teatrais e que também pudesse conduzir a direção do grupo de acordo com as suas noções de coletividade que havia aprendido ali na igreja, somada às outras experiências e conhecimentos que havia adquirido durante esse tempo ao buscar se capacitar no curso técnico em teatro pela ETDUFPA e outros espaços em que vivenciou a arte em coletivo.

O grupo Sant'Arte que assim como outros grupos de cunho religioso, tem sua funcionalidade de acordo com os princípios do teatro litúrgico. O drama litúrgico surge na idade média, período de consolidação e ascensão da igreja católica, como uma metodologia de evangelização ao abordar a vida e os ensinamentos de Cristo.

O grupo sempre funcionou nos espaços da igreja, desde os ensaios e preparação até as apresentações. Por isso e também pelo cunho evangelizador, o público dos espetáculos era em sua grande maioria os frequentadores da paróquia, os fiéis que participavam das missas e os integrantes de grupos e pastorais que funcionavam ali. Seguindo os princípios da liturgia, as

produções do grupo acompanhavam o calendário cristão. As dramaturgias eram baseadas em datas solenes como período da páscoa, momento de morte e ressurreição de Cristo e o natal, em que se celebra o nascimento de Jesus. Assim como também datas festivas como o dia de Santa Rita de Cássia, padroeira da paróquia e a comemoração dos festejos de outros santos padroeiros.

A princípio mesmo com a encenação um tanto “limitada” devido à dificuldade de transformações criativas em cima dos textos cristãos, o grupo se empenhava em *dar o nome*⁷ na qualidade cênica. Em entrevista, Léo relata que um dos seus principais objetivos enquanto coordenação do grupo era fazer desse espaço, físico e teatral, um lugar de laboratório do corpo pra que ele pudesse experimentar suas propostas enquanto direção, na medida em que os integrantes iam praticando uma qualidade e dominação de técnicas que normalmente eram encontradas em espaços formais de educação teatral, colocando em jogo essa relação do profissional versus amador.

[...]Mas foi um processo muito legal porque quando eu assumi e decidi que iria ficar o ano todo acontecendo a coisa, pra mim o grupo se tornou um lugar de laboratório pras nossas montagens, quando eu assumi o primeiro ano era assim: a peça de Santa Rita vai ser teatro do absurdo, a peça do Círio vai ser teatro de boneco, até porque eu queria experimentar, era um lugar em que eu podia experimentar, fazer laboratório, mostrar pros meninos as linhas de teatro por que até então era só o teatro da igreja, o texto. “Moleque” decorava, chegava lá, fazia, e não tinha essas outras coisas, os meninos não entendiam o que eles faziam. Era uma coisa que eu queria então eu sentava com eles “olha, agora vai ser esse tipo de teatro que a gente vai fazer a linha ela é essa aqui e eu preciso que faça assim” e aí a gente ia fazendo.

(Entrevista 01 com Léo Bahia – Ananindeua, 04/10/23)

Imagem 2: Elenco da Peça de São dirigido por Jairo dos Anjos no ano de 2015. Tarcísio é um jovem mártir considerado o padroeiro dos coroinhas. Os indutores para a construção do espetáculo foram baseados na Comédia Dell’Arte como podemos observar através dos figurinos

⁷ Gíria popular que significa cumprir com objetivo, obter êxito, ter sucesso.

e maquiagem. Esse foi um dos primeiros espetáculos do grupo que pude acompanhar, quando ainda não era integrante

É muito comum presenciarmos no meio teatral ou até em espaços acadêmicos, como ouvi diversas vezes de professores na universidade, a reprodução de discursos que diminuem e inferiorizam o teatro de igreja, muitas vezes tomados pela repulsa causada pelos dogmas da igreja cristã. É muito importante exercitar uma visão crítica de que, em comunidades periféricas ou até mesmo nos interiores, a igreja se faz presente onde o estado faz ausência e, dessa forma, acaba por cumprir com demandas que deveriam ser direitos básicos da população, como acesso a saúde, a educação, e nesse caso, acesso a arte e cultura. Acredito que enxergar as coisas para além de como estão sendo postas seja um exercício para ampliar nossa visão e expectativas acerca do que está sendo produzido.

O grupo sempre esteve localizado no município de Ananindeua, região metropolitana de Belém. Um município que surge como um protótipo de cidade dormitório para atender às demandas da capital. Como consequência disso, os moradores se veem reféns de diversos serviços básicos que somente a capital poderia nos oferecer. A criação do grupo serviu também como uma forma de descentralizar a produção artística e cultural, fazendo com que jovens e adultos do conjunto Cidade Nova e outros bairros do município de Ananindeua pudessem experimentar e consumir teatro sem ter a necessidade de se deslocar para o centro de Belém, tornando praças, centro comunitários, e espaços paroquiais, pontos de apresentações artísticas em Ananindeua, fomentando também um teatro fora da caixa preta de um teatro convencional. Através de convites, levamos espetáculos gratuitos para pessoas que nunca tinham assistido uma peça na vida, em troca, apenas um lanche e o transporte para a condução dos atores.

Em seu trabalho de conclusão de curso Poliana Almeida ⁸ fala um pouco da sua experiência com o grupo.

⁸ Atriz e encenadora, Licenciada em Teatro pela Universidade Federal do Pará. Integrante do Grupo Sant'Arte e corpo de Teatro Lab.

Dos grupos que eu participei, o Grupo Sant'arte era um grupo independente de Ananindeua, bairro cidade nova. Este visa o ensino e evangelização, abrindo espaço para arte de forma acessível à comunidade de forma gratuita. O Grupo Sant'Arte de teatro e dança, objetiva o ensino e a prática do teatro e da dança. O trabalho do grupo consiste na evangelização através da arte teatral, proporcionando também a oportunidade a pessoas que gostariam de iniciar a arte, participarem do grupo. Possuem vários trabalhos que contam trajetórias de vida de alguns santos católicos, assim como uma homenagem ao Círio de Nazaré e ao Natal. (ALMEIDA,2023 p.04)

Poliana entrou no grupo ainda criança e foi uma das pessoas com quem comecei a criar e produzir dentro do grupo, estivemos juntas na maioria dos espetáculos realizados pelo Sant'Arte e juntas passamos por várias etapas até nos descobrir enquanto artistas da cena e arte educadoras. É sem dúvida uma referência quando falo dessa trajetória acadêmica pois entramos juntas no mesmo processo seletivo do curso de licenciatura em teatro, no ano de 2018.



Imagem 3

Arte do cartaz de divulgação do espetáculo "O verdadeiro sentido do natal" dirigido por mim e Poliana Almeida no ano de 2016(eu com 17 anos e Poli com 16 anos de idade). Assumimos a direção do espetáculo como resultado da 1ª Oficina de diretores proposta pelo grupo, ministrada por Jairo dos Anjos. Esse trabalho foi um marco pro grupo, sendo uma das primeiras direções em conjunto proposto por duas mulheres, sendo também muito importante pra nossa trajetória pessoal ao nos fortalecer enquanto encenadores.

3.1 A PEDAGOGIA DA TROCA

Uma das primeiras coisas que me chamava atenção no grupo era o fato de que qualquer pessoa poderia fazer parte, independente da sua origem, credo ou religião, algo que não é muito comum nos grupos de igreja, certo? Pois quando eu adentrei, quem estava na coordenação geral do Sant'Arte era Léo Bahia, que por ter formação em pedagogia e teatro, dava aula em escolas dos arredores da comunidade e assim por já possuir esse trabalho com o teatro na igreja, sempre convidava seus alunos para conhecer o grupo no intuito de que seus alunos experimentassem outras formas de se fazer teatro, longe das rotinas escolares.

Isso fazia com que o grupo possuísse uma dinâmica muito diferente dos outros, pois muitos estavam ali não por conta da religiosidade, mas principalmente pela oportunidade de encontrar um espaço para se fazer teatro de forma gratuita e acessível. Conviver com pessoas que pertenciam a outras religiões ou até mesmo nenhuma religião, ou que simplesmente viviam de formas diferentes, uma das outras, fez com que a gente encontrasse um meio termo pra que se agregasse através da diferença, pra que essas outras experiências fossem algo positivo ao invés de negativo.

É até curioso pensar que talvez isso não faria sentido algum em qualquer outro grupo da igreja. Qual o sentido de uma pessoa não católica, estar vinculado a um grupo e se dedicar a evangelizar os ensinamentos de Cristo? Mas como não éramos como os outros grupos, a gente construía e reconstruía o nosso próprio sentido em estarmos juntos, em nos encontrarmos toda semana. Esse sentido estava nas relações estabelecidas entre nós mesmos, na segurança e na honestidade do nosso trabalho, no compromisso que estabelecemos com um processo de criação, pois como todos éramos tão diferentes um dos outros, o nosso principal ponto em comum era fazer arte. A arte pela arte.

[...]E contribuiu muito para hoje ser quem sou, acho que no processo talvez da minha questão enquanto é preta, lgbt [...]foi bem bem marcante porque é um espaço que, pelo menos para mim é eu ser quem eu sou e não ter podas ali ,porque na igreja por exemplo, não é esse espaço. Tu é meio que moldado, o teu comportamento . E aí é engraçado da gente conseguir ter, mesmo vinculado (à igreja) a gente conseguir quebrar isso porque a gente mesmo assim, ainda tava sendo a gente de alguma forma, né? A gente conseguia expressar ali quem de fato a gente era e não à toa houve esse desmembramento. Então eu sempre vi como esse espaço a parte também no meu processo individual fez eu perceber que aqui é o espaço para de fato, ser quem eu sou e me mostrar, né? Não para eu me moldar a ser quem esperam que eu seja. (Entrevista 02 com Érica Góes. Ananindeua-18/10/23)

Quando pensamos que supostamente estamos no mesmo lugar que outras pessoas, quando fazemos parte dos mesmos grupos sociais, tendemos a encontrar estratégias para fazer com que todos permaneçam nesse lugar de igualdade. Existe uma resistência em não ceder às diferenças ou nuances que qualquer integrante desse grupo venha a demonstrar e isso por vezes nos leva a impor como o outro deve existir ao invés de pensar de que formas podemos viver em comunidade mesmo com as diferenças. Essa é uma estratégia de normatização, de fazer com que corpos vivam dentro dessa norma. Logo cedo o grupo percebeu que adotar essa política seria uma desvantagem se quiséssemos realmente evangelizar.

Dentro dessa dinâmica era visível o rompimento com estruturas de relação de poder, seja de cargos do grupo enquanto parte de igreja, seja enquanto grupo colaborativo de teatro. Havia um esforço para que o grupo também experimentasse uma certa rotatividade de funções ou espaços de criação, sendo que não havia a figura de uma única pessoa eleita para conduzir o grupo artisticamente. Mesmo que Léo fosse o representante oficial do grupo perante a paróquia e outros espaços formais de decisões, dentro do grupo esse poder de criação era fluido. Em cada ensaio era escolhido integrantes para que pudesse propor e conduzir exercícios de alongamento e aquecimento, estabelecendo uma dinâmica. Da mesma forma, os integrantes eram incentivados a ocupar o lugar de direção e encenação dos espetáculos, e nesse processo, era proposto a nós, exercícios e atividades que motivaram a nossa criatividade e auto estima pra ocuparmos tais lugares. Léo sempre dizia que estava nos preparando para que pudéssemos assumir o grupo futuramente e assim conduzir nossos próprios trabalhos dentro e fora da igreja, dizendo ele que não iria "ficar para pedra", que não poderia morrer ali naquele mesmo posto e que era um processo natural da vida. Antes dele vieram outros e o grupo juntamente com o trabalho que realizamos ali, era maior do que qualquer cargo ou função.

Existe um ensinamento dentro da cultura de terreiro e de comunidades tradicionais que acho muito precioso para ser praticada em diversos contextos, que é o exercício de se ver como um futuro ancestral, como parte de um todo, de enxergar a vida e os processos, seja os artísticos ou os dilemas que enfrentamos como coisas cíclicas e finitas. Isso nos afasta de um ego ou posse que criamos em cima de condições naturais que não temos controle algum ou controlamos até

certo ponto pois o tempo e dinâmica do movimento se encarrega do resto. Da mesma forma em que se constrói a o respeito pelo mais velho, é também dado ao mais novo o seu valor enquanto aprendiz, enquanto corpo que aos poucos armazena um conhecimento que daqui a um tempo ele será o responsável em passar para os seus mais novos. Como diz Aílton Krenak : O futuro é ancestral.

3.2 NOSSOS EVENTOS ICÔNICOS

Em meados de 2016, o grupo passou a promover ações muito relevantes, seja para a comunidade em geral ou para o fortalecimento da trajetória pessoal do coletivo . Nessas ações estavam inclusas atividades formativas como as Oficinas do Grupo Sant'arte e a Oficina de Diretores e também eventos artísticos como Mostras, Festivais e Saraus, tendo uma frequência semestral ou anual para acontecer.

As Oficinas do Grupo Sant'arte buscavam oferecer uma semana de atividades formativas de forma gratuitas ou com taxas simbólicas, destinadas aos jovens e adolescentes que pertenciam não só a Paróquia de Santa Rita, mas também de outras paróquias do entorno ou moradores da comunidade em geral. Cada dia de oficina consistia em uma linguagem diferente a ser experimentada, enquanto nós, integrantes efetivos do grupo poderíamos ocupar o lugar de oficinairos, de acordo com a disposição ou habilidade de cada um. Foi nesse espaço em que comecei a me enxergar enquanto professore de teatro ao compartilhar um pouco do que vinha aprendendo artisticamente e experimentando colocar em prática minhas próprias metodologias. Algumas das linguagens que compunham as oficinas eram: Teatro, dança, escrita criativa e artes marciais como kung fu e capoeira, que eram ministradas por convidados.

O segundo evento tinha uma dinâmica parecida, porém era voltado apenas para integrantes do grupo que se interessasse em participar, sendo uma das estratégias de deslocar a figura de um único diretor cênico, fazendo com que o máximo de pessoas se propusesse a escrever e dirigir seus próprios espetáculos (as gays queriam descansar mona) através de exercícios de criação cênica e exercícios técnicos que nos colocasse a exercitar um olhar enquanto encenadores. Como

consequência dessa oficina, adaptei e dirigi meu primeiro espetáculo ao lado de Poliana Almeida sendo também sua primeira experiência de direção em 2016.



Imagem 03: *Integrantes do Grupo Sant'Arte e participantes das Oficina do Grupo Santart em 2017. Nesse dia, eu e Poliana Almeida ministramos a oficina de Jogos Teatrais.*

Estar na organização desses eventos foi uma grande escola para que eu pudesse vivenciar o lugar de produção. Eu ouvia falar sobre essa função mas demorei um bom tempo para compreender que era algo que já fazia a muito tempo dentro do grupo. Infelizmente, a falta de acesso aos recursos básicos para se produzir nos obriga a buscar outros recursos para viabilizar nossas produções, ou até mesmo nos faz assumir funções, acumular trabalhos que deveriam ser de terceiros. Aos poucos o meu corpo era moldado e acostumado a ter essa visão para além da cena, de uma forma automática o meu olhar era direcionado para as necessidades que estavam na coxia, pensar na alimentação das pessoas, quantas precisam de dinheiro para voltar para casa e de que forma conseguir esse dinheiro.

Apesar da pressão que era ter que produzir dessa forma eu gosto de pensar que isso moldou uma geração de artistas que possuem diversas habilidades que vão muito além da atuação, artistas que produzem e escrevem suas cenas, produzem seus figurinos, adereços, pensam na luz, cantam e dançam e estão preparados para qualquer coisa. Como forma de exaltar esses

trabalhos singulares que eram feitos dentro do grupo e também os artistas que se destacaram nas produções durante o ano, anualmente realizamos o nosso evento mais antigo, juntamente com a festa de confraternização de fim de ano. A premiação *Rosas de Ouro* era dividida em categorias como : melhor ator(e), melhor espetáculo, melhor direção , trilha sonora, etc. Era uma forma singela de valorizar os nossos esforços e reconhecer a evolução da trajetória artística dos integrantes e poder celebrar em coletivo as nossas conquistas.



Imagem 4

*Ganhadores da premiação
Rosas de Ouro do ano de 2019:
Jeferson Antonny, Luis
Albuquerque, Carolyn
Santiago, Arman Duart,
Vanessa Luz, Dudu Amorim,
Maísa Silva, Mac Silva, Lucas
Cardoso, Josely Vergolino e eu
:)*

Imagem 5

*Homenagem ao núcleo de
coordenadores do grupo feita
pela nossa querida Jojo. Muito
precioso receber rosas por ter
seu trabalho reconhecido. As
fotos são de Rafaela Chaves,
também integrante do grupo.*



4. NARRATIVAS MARGINAIS

Em seu Trabalho *Belém Apaixonada*, Karine Jansen discorre sobre a tradição da Paixão de Cristo na região metropolitana de Belém e categoriza essas montagens em dois tipos: paixão de cristo paroquiana e paixão de cristo não paroquiana. Sendo as “paroquianas”, as montagens que estavam diretamente ligadas aos grupos das paróquias, em que as apresentações aconteciam de acordo com o calendário litúrgico.

Como já foi dito, a paixão de cristo é um dos carros chefes do teatro litúrgico e no grupo Sant’Arte não era diferente, sendo tradicionalmente apresentado na sexta-feira da paixão como de costume.

Mesmo que definindo o nosso fazer teatral enquanto “paroquiano” por estarmos nas dependências da igreja, podemos analisar nossos trabalhos a partir de uma perspectiva performática, seja a performance da arte através da ação cênica enquanto presença ou como a performance ritual, sendo o espetáculo um elemento contido no rito da própria liturgia.

Dessa forma um dos dilemas dentro dessa maneira de apresentações, era a tarefa de encenar os mesmos espetáculos todos os anos, de uma maneira que cumprisse com uma fidelidade para satisfazer as expectativas da paróquia, mas que também houvesse elementos novos sendo também um dos anseios desse público. Como contar a mesma história várias vezes de uma maneira diferente?

Uma das alternativas era fazer com que essas histórias se aproximassem cada vez mais da nossa realidade. Refletindo, criando analogias e ilustrando de forma prática como esses textos antigos se alinhavam ou se contradiziam aos acontecimentos e atitudes da sociedade contemporânea. Em entrevista, Léo fala um pouco dessa mudança relacionada a dramaturgia e a visualidade dos espetáculos.

Mas foi muito legal, assim, dramaturgicamente a gente tem uma evolução grande, se pegar os pequenos textos para os últimos, é surreal

porque assim os primeiros textos que a gente fazia era nu e cru, era o texto e o texto, os últimos não, era o texto e ele já tinha uma relação direta com algo que estava acontecendo na sociedade no momento real. Porque até então era o texto daquela época, contando a história daquele santo, como aconteceu naquela época, os últimos textos nossos não ele já era um texto que tinha

a história do antigo, mas ele tinha uma relação direta com o presente.

Outra, era um texto que agora ele não tinha mais só o texto teatral, ela já tinha o texto poético, tinha o texto musical, porque a gente já tinha música agora dentro dos espetáculos que a gente não tinha no começo então o texto evoluiu, o grupo foi evoluindo e dramaturgicamente a gente também foi evoluindo. Visualmente a gente também foi evoluindo por que no começo a gente fazia com a roupa que a gente tinha, mas a partir do momento em que eu me tornei figurinista, o grupo foi tomando uma outra proporção em relação ao visual, então a gente começou a produzir figurinos para os espetáculos que a gente produzia lá. (Entrevista 03 com Arman Duarte-Ananindeua,19/10/23)

Um marco dessa (re)volução dramatúrgica foi quando Jairo dos Anjos⁹ assumiu a direção geral do grupo, propondo encenações que causassem provocações pontuais diante do público. Jairo também teve sua vida diretamente ligada à igreja católica, através principalmente de grupos de jovens. Mas as suas questões identitárias, por ser um homem negro e gay, sempre fez com que de certa forma estivesse numa linha tênue entre a fé que carregava consigo, e os discursos de ódio que presenciava nos espaços da igreja. Dentro do grupo ele esteve à frente de diversas produções, mas a que mais se dedicava era as Paixões de Cristo, que eram carregadas de simbolismos e pontos-chaves para se desenvolver analogias dentro do texto.

Ao longo dos anos , foi possível mesclar diversos elementos como a dança e a inserção de personagens inventados, que não necessariamente fazem parte da literatura bíblica e por vezes a inclusão de músicas não cristãs com o objetivo de reforçar a mensagem a se passada, como por exemplo a música *Não recomendado* do cantor Caio Prado, referenciando a figura de Jesus Cristo a todas as outras pessoas que estão à margem da sociedade.

A placa de censura no meu rosto diz

Não recomendado à sociedade

⁹ Diretor, jornalista, sonoplasta, formado no curso técnico em ator pela Escola de Teatro e Dança da UFPA. Foi coordenador geral do grupo do Grupo Sant'Arte entre os anos de 2017 e 2019 . Falecido em março de 2021.

A tarja de conforto no meu corpo diz

Não recomendado à sociedade

Pervertido, mal amado, menino malvado, muito cuidado

Má influência, péssima aparência, menino indecente, viado

Pervertido, mal amado, menino malvado, muito cuidado

Má influência, péssima aparência, menino indecente, viado .

Temas como LGBT-fobia, sexismo, violência contra a mulher, racismo, intolerância religiosa, genocídio da juventude preta, violência na comunidade eram alguns dos temas que eram frequentemente abordados nos espetáculos. Não simplesmente por questões externas do que víamos na televisão e nas outras mídias, mas também por ser os nossos corpos, os alvos dessas violências que estávamos constantemente expostos dentro da igreja ou fora dela.

A Atriz ¹⁰Arman Duarte fala de como o trabalho desenvolvido dentro do grupo, sejam as encenações ou as relações interpessoais, alterou a sua forma de se relacionar com o mundo e consigo mesma e também da importância que o grupo teve quando passou a se identificar enquanto pessoa trans.

Eu cheguei muito tímida por ser o meu primeiro contato com o teatro, e também quando eu cheguei lá foi um baque. Eu tive uma criação mais fundamentalista então quando eu encontrei o grupo, tudo que eu era contra tava bem alí na minha frente. Eu era aquele gay incubado que não gostava de manas afeminadas, eu tinha muito preconceito com pessoas gordas, com travestis principalmente porque sempre me foi apresentado isso de uma maneira negativa, tipo “ É aquilo ali que tu quer pra tua vida?”. E foi no Sant’Arte que eu consegui mudar isso, eu tive esse aprendizado com o Jairo, que era uma pessoa preta, gorda e gay

¹⁰ Artista trans não-binária do município de Ananindeua, bailarina, DragThemonia e aluna do Curso Técnico em Teatro pela Escola de Teatro e Dança da UFPA.

afeminada. Eu tive essa limpeza, de tirar a lama dos olhos, eu fui aprendendo a ser humano com vocês e eu digo que o Sant'Arte tem muito impacto na minha vida por conta da pessoa que eu sou hoje em dia.

(Entrevista 03 com Arman Duarte - Ananindeua, 19/10/23)

Atualmente é muito comum presenciar a inserção de corpos de atores negros para representar Jesus com o objetivo de subverter a narrativa do espetáculo ou atores de um gênero dissidente à personagens cis masculinos ou cis femininos. No grupo isso acontecia naturalmente pois esses eram os corpos que tínhamos a disposição para interpretar tais papéis, o nosso Jesus era negro pois os atores que tínhamos eram homens negros e não havia do grupo algum esforço para correr atrás de atores que correspondessem à figura de um Cristo europeu.

Na imagem abaixo vemos o ator Mac Silva ¹¹ (ao lado esquerdo da foto), interpretando um dos sacerdotes do tribunal de Caifás, um personagem que supostamente seria feito por um homem cis.

***Imagem 06:** Paixão de Cristo 2017, cena do tribunal de Caifás. Atores Mac Silva (à esquerda) e João Pedro (à direita). Acervo do Grupo.*

Em outubro de 2016 estreamos o espetáculo Uma Mulher: Eu sou Maria, que buscava retratar o círio para além da celebração cristã, mas também como um símbolo cultural do povo paraense. Como indutor, utilizamos nossas próprias experiências pessoais atravessadas pelos diversos elementos que fazem parte da festa, tentando retratar algo mais humano do que divino, dando cara às diversas Marias que fazem parte do nosso dia a dia.

Existem muitos conflitos quando pensamos no teatro como uma arte da representação do corpo, pois por muitas vezes cedemos aos estereótipos relacionados à raça e gênero por

¹¹ Artista trans não binária do município de Ananindeua. Formada em comunicação popular pelo Instituto Universidade Popular - UNIPOP, graduando em Lic. Teatro pela Escola de Teatro e Dança da Ufpa.

exemplo. Foi a primeira vez na vida em que olhei o cartaz de um espetáculo e disse “Essa sou eu” algo que estava distante quando se pensava nas formas de divulgação dos espetáculos, ou quais rostos escolhemos para dar cara a um trabalho. Construir esse trabalho foi um exercício em que pude romper com a ideia de um teatro meramente representativo, aquele teatro em que você tem que se afastar de si para entrar em um personagem e representar um outro distante. Resgatamos memórias e recolhemos nossas histórias de vida como elementos para a construção da dramaturgia do espetáculo, como ressalta Wlad Lima acerca da Dramaturgia pessoal do ator . O personagem era eu mesmo, entrando nas minhas memórias, usando a cena inclusive para falar do luto por ter perdido a minha mãe em um mês de outubro a alguns anos antes, e de outros momentos marcantes que moldavam quem eu estava me tornando.

***Imagem 07:** Cartaz de divulgação do espetáculo Uma mulher: eu sou Maria, direção de Leonardo Bahia. Arte do Cartaz: Wan Aleixo, ano de 2016. Vejo a mim e muitos outros nessa imagem.*



Imagem 08: Espetáculo Uma mulher: Eu sou Maria dirigido por Léo Bahia. Cena da berlinda, momento em que dançávamos fazendo esculturas com o corpo ao redor da imagem . Foto de Iago Pedrosa no ano de 2018.

Por nos perceber enquanto artistas que não estavam diretamente vinculadas à igreja católica, através do trabalho cênico sempre buscamos criar relações e vínculos com as figuras e as histórias que apresentamos ao público. Apresentei algumas versões desse espetáculo ao lado de Poliana Almeida e ¹²Vanessa Luz, posteriormente dentro do Corpo de Teatro LAB, coletivo em que trabalhamos temas regionais com ênfase no trabalho corporal dos atores. Por ser um grupo externo à igreja, e não tendo o mesmo foco em abranger a comunidade, alguns dos nossos trabalhos estiveram em cartaz no Teatro Cláudio Barradas, ou foram contemplados com premiações de editais de fomento à cultura para ser apresentado em outros formatos durante a pandemia. Mesmo com o passar dos anos, sempre buscando atualizar a dramaturgia, adaptando

¹² Multiartista de Ananindeua, atriz, bailarina e encenadora. Licenciada e bacharel em Geografia pela UFPA.

ao que os nossos corpos estão vivenciando, ressaltando o caminho que trilhamos juntas nesse mesmo processo de autoconhecimento e representação das nossas próprias histórias e percepções através da cena.

Eu lembro como se fosse ontem
Sinto Até o cheiro da maniçoba que o vovô fez
Criança, a comida ta pronta
Mas sem desespero ein
Cada um vai comer na sua vez
E eu nem mais criança era
Já era mulher
Mais crescida que ela
E no fim do dia, um abraço
Uma despedida
Um abraço como se fosse último
E realmente era.
18 de outubro
Depois desse dia tudo em mim mudou
Cortei meu cabelo
Risquei o meu corpo
Chorei de alegria quando passei no vestibular
E chorei de saudade em várias noites
E tu tava lá o tempo todo
Sem missas
Rezas
Ou qualquer burocracia
Apenas sendo a minha mãe

(Texto autoral da dramaturgia de Uma mulher: Eu sou Maria, 2016)

Ao assumir como coordenador do grupo, Jairo me chama para ser sua vice, da mesma forma que ele foi chamado para ser o vice do Leo quando era o coordenador. A função do vice para além de auxiliar o coordenador geral era aos poucos ir criando autonomia para assumir a

coordenação geral do grupo. Além de me preparar para tal função, Jairo foi uma das figuras mais importantes para a minha construção enquanto pessoa preta. De diversas formas ele instigava o grupo a criar respeito e admiração pela minha imagem enquanto liderança e pelo meu trabalho através da cena. Essa autoestima refletia diretamente nas nossas produções em que cada vez mais eu me conhecia e identificava elementos que fazem parte de quem eu sou.

No espetáculo *Santos*, em 2018 realizei a performance “Aparecida” em que eu questionava o genocídio de mulheres negras no Brasil relacionando a imagem de Nossa Senhora Aparecida, a santa preta, padroeira do país. Em cena eu utilizava livros de escola, simbolizando a juventude e os sonhos interrompidos, junto de um tecido com recortes de jornais de manchetes sobre feminicídio e a imagem de Marielle Franco, vereadora negra assassinada em março daquele mesmo ano.



Imagem 09 e 10: Performance *Aparecida*, espetáculo *Santos*. Direção de Jairo dos Anjos. Foto de Iago Pedrosa no ano de 2018

5. O CAMINHO ATÉ A ETDUFPA

Quando me tornei integrante do grupo, Léo Bahia já era formado nos cursos técnicos em teatro e em dança pela ETDUFPA e estava iniciando o curso de figurino cênico enquanto Jairo também estava se formando no técnico em teatro. Existia uma certa influência da Escola de Teatro nos nossos trabalhos por conta de Léo e Jairo serem nossas referências e estarem presentes nesse espaço acadêmico.

No ano de 2016 Jairo assume a direção geral do espetáculo *Dúbio*, que estava vinculado ao projeto de extensão GTU- Novos Encenadores que visa oportunizar a experiência de uma primeira direção aos alunos da escola, ampliando a participação para pessoas da comunidade em geral. Por Jairo e Léo estarem a frente do projeto, foi o momento em que vários integrantes do Sant'Arte se deslocaram de Ananindeua para Belém para viver essa nova experiência com o teatro, agora longe dos palcos da igreja.

Antes disso eu só frequentava Belém para eventos específicos, como ir ao médico ou visitar parentes. Lembro bem da Poliana me ensinando o caminho para chegar até a ETDUFPA, e é o caminho que faço até hoje. Foi uma experiência muito importante para que eu tivesse esse primeiro contato com a Universidade, antes disso nem fazia ideia de que eu realmente poderia estudar e me formar em teatro. Foi um passo a mais nessa caminhada ao descentrar a minha percepção do fazer teatro para além do teatro litúrgico, que era o que eu estava acostumado. Estive imerso em outras dinâmicas com pessoas de outros lugares da cidade, ampliando mais ainda a minha percepção enquanto artista e também de outros integrantes do Sant'Arte passaram por essa mesma experiência.

Após esse espetáculo, participei de outros projetos do GTU, até entrar de fato como estudante do curso de Licenciatura em Teatro, no ano de 2018, mas ainda mantendo as produções com o Sant'Arte. Chegou o momento em que pudemos fazer o movimento reverso ao convidar integrantes dos espetáculos do GTU para fazerem parte do grupo, devido a afinidade criada através da cena e a vontade e continuar trabalhando juntos, criando um fluxo de artistas entre o Sant'Arte e a Escola de Teatro.

Após o meu ingresso , sempre contei com a participação do grupo para fortalecer essa ponte entre a Universidade e os nossos trabalhos na comunidade, pois essa foi a forma que aprendi a enxergar o mundo e sempre me pareceu uma boa alternativa tentar associar o que eu aprendia nas aulas da graduação, aos trabalhos que produzimos ao longo da nossa trajetória fazendo teatro dentro e para a comunidade.

*Vídeo: A relação entre o teatro medieval e o espetáculo Santos, do grupo Sant'Arte.
Finalização da disciplina Pensar histórico no teatro, ministrada pelo professor Kauan Amora do curso de Licenciatura em Teatro-UFPA.*



Qr Code

Ainda recente, acompanho os frutos que o grupo vem colhendo através de atores que integraram o grupo ainda na adolescência e hoje estão como alunos da universidade u compondo movimentos de grande notoriedade para a cena artística. Mac Silva e Mayara Lourenço ingressaram na Licenciatura em Teatro nos anos de 2019 e 2020 e atualmente estão engajades em diversas produções acadêmicas, seja em cena ou em projetos de pesquisa e extensão.

Aos poucos, os assédios que vínhamos sofrendo dentro da igreja se tornou insustentável para a nossa permanência, por conta linguagem subversiva que nossas produções estavam tomando, fazendo com que buscássemos outros espaços para continuar nossas atividades. Mas o caos do ano pandêmico fez com que perdêssemos o ritmo para manter o grupo de pé, vários integrantes mudaram para outros estados, investiram nos estudos, constituíram família e assumiram outras

responsabilidades, apenas transformações naturais da vida. A única perda irreparável que tivemos foi a morte precoce do nosso amado amigo e diretor Jairo dos Anjos que mesmo doente, mas cheio de sonhos, compartilhava conosco os seus planos e projetos futuros, sempre buscando colocar em pauta as suas inquietações, para assim transformar a vida de outros jovens que assim como ele, teve a sua vida mudada através da arte e do Sant'Arte. Buscamos na memória do Jairo, inspiração para em algum momento retornar as nossas atividades, pois a amizade e o amor pela arte permanece em cada um de nós.

Durante toda essa trajetória até aqui, o grupo sempre esteve presente em todas as etapas da minha evolução pessoal e profissional, e cada vez mais, buscamos reforçar a importância de desenvolver um pensamento crítico acerca do que produzimos na rua e em espaços não convencionais de arte e educação, e da relevância das nossas produções para uma pedagogia acessível e decolonial ao criarmos estratégias para inserir nossas narrativas nas linhas oficiais da escrita acadêmica, traçando possibilidades para o não apagamento de histórias que precisam ser contadas.



Imagem 11: Confraternização do grupo Sant'Art. Eu, ao lado de Jairo (à esquerda) e Leonardo (à direita), um dos últimos momentos em que estivemos juntos em celebração. Eu sou por que nós somos. Tempo é rei, é Orixá.

REFERÊNCIAS

JANSEN, Ana Karine. **Belém Apaixonada: Processos de criação do ator das Paixões de Cristo na construção do corpo devoto**. 2003. Dissertação (Mestrado Em ArtesCênicas) – Universidade Federal da Bahia e Universidade Federal do Pará, 2003.

LIMA, Wladilene de Sousa. **Dramaturgia pessoal do ator**. Belém: Grupo Cuíra do Pará, 2004

ALMEIDA, Poliana Cardoso. **Jogos teatrais para não-atores: um relato de experiências em ambiente laboral**. Orientadora: Iara Regina da Silva Souza. 2023. 25 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Teatro) – Escola de Teatro e Dança, Instituto de Ciências da Arte, Universidade Federal do Pará, Belém, 2023. Disponível em: <https://bdm.ufpa.br:8443/jspui/handle/prefix/6017>

RIOS DE ENCANTARIAS, ep.02. Locutores: Joyce Cursino e Mc Super Shock. Entrevistada: Shayra Brotero. Negritar Filmes e Produções, 22 set. 2023. Disponível em: https://open.spotify.com/episode/0GS7kraRzNFRnPWxf34niK?si=XqdF_MQDSx6602QKbK336w

CAIO PRADO, Não recomendado. Rio de Janeiro: LGK Music, 2014. Disponível em: <https://open.spotify.com/track/5sEfhRwI2J7Z8Rx4vym1Sz?si=1iQqlbpYTpWOPYIPVakUjw>

ENTREVISTAS

BAHIA, Leonardo. Entrevista 01 cedida à Dalila Costa em 04/10/2023.

GÓES, Érica. Entrevista 02 cedida à Dalila Costa em 18/10/2023.

DUART, Arman. Entrevista 03 cedida à Dalila Costa em 19/10/2023.

PEÇAS TEATRAIS

Paixão de Cristo 2017 - O verbo era Deus. Adaptação e direção: Jairo dos Anjos. 2017.

Uma mulher: Eu sou Maria. Direção: Leonardo Bahia. Dramaturgia coletiva. 2016-2019.

Espetáculo **Santos.** Direção Jairo dos Anjos. Adaptação e dramaturgia coletiva. 2017-2018.